

## O inaudito e o 'experimental': o Caribe e seus efeitos em Zora Neale Hurston

Victor Miguel Castillo de Macedo<sup>1</sup>

Pós-doutorando em Antropologia Social/Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0001-6923-0734>

[victormcmacedo2@gmail.com](mailto:victormcmacedo2@gmail.com)

### Introdução

Zora Neale Hurston vem sendo relida e reposicionada no debate sobre teoria antropológica e métodos de pesquisa em trabalhos desenvolvidos tanto nos Estados Unidos como no Brasil. A indiscutível contribuição de seu olhar e sua presença como autora negra dos Estados Unidos ultrapassam a recuperação anterior que a colocou no cânone da literatura afro-americana, conforme empreendido por Alice Walker. A retomada da trajetória biográfica de seu trabalho também ocorreu na antropologia brasileira, com excelentes contribuições e traduções (Basques, 2019; Böschemeier *et al.*, 2020; Bemerguy, 2021; Böschemeier & Erickson, 2021)<sup>2</sup>. Nesta reflexão, pretendo acentuar algumas das contribuições de Zora Hurston em um campo particular da pesquisa antropológica e de sua obra: seu trabalho no Caribe, publicado em 1938 no livro *Tell my horse: voodoo and life in Haiti and Jamaica* (doravante, *Tell my horse*).

De modo a explicitar quais são os efeitos sobre a região caribenha, e em particular o Haiti na abordagem oferecida por Hurston, me atento ao aparentemente inaudito relato de um evento e uma personagem que definiram as relações haitianas com a vizinha República Dominicana. Trata-se do massacre de mais de trinta mil haitianos na fronteira, comandado e orquestrado pelo então ditador dominicano Rafael Leónidas Trujillo. A atenção às reações e impressões de haitianos na capital faz desse relato uma peça valiosa não só para questões antropológicas, mas também para uma história possível, ainda que

---

1 Esta discussão foi desenvolvida com apoio da bolsa FAPESP de pós-doutorado, processo 2021/05444-0, com supervisão do professor João Felipe Gonçalves.

2 Por esse motivo, não pretendo fazer uma retomada da trajetória de vida de Zora Hurston, a não ser pontuar uma ou outra situação de sua vida que informe ou oriente uma leitura mais completa.

breve, desse evento e de seu principal operador. Ressalto que o espaço legado por Hurston a esse acontecimento de caráter bélico, além de outras tergiversações sobre a ocupação norte-americana no Haiti, parece fora de lugar em um livro voltado fundamentalmente para as práticas do *voodoo* e para as relações entre humanos e não-humanos nesse país e na vizinha Jamaica. Mas o vodu (como traduzirei daqui em diante) é, segundo a autora, “vida e criação” (Hurston, 2009 [1938])! E esses atravessamentos cosmopolíticos (entre política e religiosidade) fazem sentido à medida que se olha com cuidado o material.

As experimentações etnográficas de Zora Hurston no Caribe parecem ter efeitos na forma como ela se expressa literariamente. Para evidenciar tal relação, retorno a algumas das situações que ela vivenciou em campo, paralelamente com cenas do livro *Their eyes were watching God* (1937), seu romance mais famoso. Escrito durante seu trabalho de campo no Haiti, ele traz uma narrativa que, entre outras coisas, acompanha as perambulações de uma mulher negra por algumas cidades do sul dos Estados Unidos. Esse livro não só ressoa sua atividade de pesquisa para *Tell my horse*, mas também reproduz as caminhadas de outra obra antropológica da autora pela mesma região, *Mules and men* (1935).

Com esse movimento, exploro outras possibilidades da perspectiva trazida por Jennifer Freeman Marshall em “*Ain’t I an anthropologist: Zora Neale Hurston beyond the literary icon*” (2023), que se distancia das louvações que lhe parecem vazias à obra de Hurston. Não basta identificá-la como parte do cânone literário ou como rara presença negra na segunda geração da antropologia norte-americana. É importante também olhar para a forma e o conteúdo de suas pesquisas e escritos. Aprender com elas e notar a relevância do Caribe em sua trajetória. Quem sabe, dessa forma, Zora Hurston possa figurar junto a personagens do cânone dos estudos caribenhos em antropologia, como Jean Price-Mars, Melville Herskovits, Sidney Mintz, Alfred Métraux, entre outros. Antes de entrar propriamente na obra de Hurston, quero recuperar parte do debate que recria um espaço para seu trabalho, seguindo aqui os argumentos de Freeman Marshall (2023).

### **“E não sou eu uma antropóloga?”**

As diversas descrições e discussões sobre o lugar de Zora Hurston na antropologia contemplam, muitas vezes, a irreverência e a sagacidade da autora. Sua capacidade de assumir múltiplos papéis, de se deslocar por distintos locais e de evidenciar as negociações do trabalho de campo fazem dela uma autora contemporânea. Aliás, Jennifer Freeman Marshall (2023) demonstra, especialmente no quarto capítulo de seu livro, que muitas das abordagens positivas com relação ao que ela fez na antropologia situaram-na como uma espécie de pós-moderna/pós-estruturalista *avant la lettre*.

Freeman Marshall oferece uma leitura definitiva e exaustiva das diversas críticas e defesas feitas à obra de Zora Hurston, tanto da perspectiva de seus aportes literários quanto de seu papel como antropóloga ou folclorista. Para isso, a autora desloca o que chama de “efeito Walker”, referindo-se à forma como Alice Walker recuperou a contribuição de Hurston, que não só havia caído no anonimato, mas também beirou o apagamento.<sup>3</sup> Ao contrário da maioria dos comentadores e comentadoras em antropologia, Freeman Marshall aponta para uma espécie de uso estratégico da obra de Hurston por Walker (2021[1975]). De certa forma, aquilo que se destaca no artigo de recuperação da história de Zora Hurston acaba permeando e definindo a maior parte das abordagens sobre ela, de modo que os comentários tendem a se direcionar mais para a versão de Walker do que para a multiplicidade de papéis e posições que Hurston assumiu ao longo de sua vida (escritora, antropóloga, bibliotecária, atriz, diretora de teatro, cantora, empregada doméstica, entre outros ofícios possivelmente não registrados). E, nessas leituras, há pouco dos usos que ela fez da antropologia ou como pensou e realizou suas pesquisas (para intérpretes brasileiros que são um exemplo contrário dessa tendência, ver Basques, 2019; Bemerguy, 2021).

Em contraste com essas abordagens, Freeman Marshall opera duas leituras distintas sobre Hurston: primeiramente, recupera o debate da antropologia feminista nos anos 1980 e 1990, quando sua autoridade literária se consolida como parte de um cânone de autoras negras; e, em segundo lugar, oferece uma tentativa de aproximá-la dos interlocutores da época em que desenvolveu suas pesquisas e elaborou seus questionamentos (dos anos 1920 aos 1940). O título que dei a esta seção reproduz a apropriação irônica que Freeman Marshall propõe, como especialista na obra de Zora Hurston, para intitular seu livro, inspirada no clássico questionamento de Sojourner Truth de 1851 (“e eu não sou uma mulher?”). E talvez a maior injustiça feita com a autora de *Tell my horse* seja justamente negar-lhe os predicados do seu exercício de pesquisadora hábil e versátil em seu tempo (por isso, a pertinência do questionamento). Vejamos, então, como as leituras de Freeman Marshall contribuem para uma resposta a essa pungente questão.

O primeiro ponto levantado com relação ao quase esquecimento em que caiu a obra de Zora Hurston tem a ver com a separação disciplinar entre estudos de folclore e antropologia na primeira metade do século XX (Freeman Marshall, 2023, p. 95). Mesmo décadas depois do seu estabelecimento no cânone literário nos anos 1990, havia alguma resistência entre antropólogos norte-americanos em reconhecer Hurston como algo mais

---

3 Sepultada em um túmulo sem referências ao seu nome, a recuperação de Hurston no trabalho feito por Alice Walker, a despeito das críticas possíveis e existentes, restaurou a dignidade da antropóloga norte-americana.

que uma folclorista, literata ou, ainda, autora de narrativas de viagem. No entanto, lê-la como uma autora pós-estruturalista não resolve esse problema. Como afirma Freeman Marshall:

[...] ao invés de leituras sustentadas, próximas e contextuais do trabalho de Hurston como uma antropóloga folclorista, ela é lida em termos pós-estruturais. Essas leituras ocasionam sua entrada no cânone antropológico feminista como uma inovadora textual. Como tal, ela é considerada ou como uma etnógrafa altamente experimental e problemática, ou como extraordinária em sua abordagem experimental da etnografia. No entanto, um foco estreito aos trabalhos de Hurston como “textos” elide uma consideração das contribuições conceituais de sua antropologia e da pesquisa que ela avançou como acadêmica que estudou perspectivas teóricas e metodológicas que informaram a antropologia folclórica (Marshall, 2023, p. 96, tradução livre).

A pesquisadora lembra ainda que os próprios debates e os interlocutores de Zora Hurston são ignorados nessa retomada – por exemplo, autores como Charles Johnson e Hortense Powdermaker, que estavam interessados em populações semelhantes às retratadas por Hurston em *Mules and Men*. Eles mesmos lançaram mão de combinações metodológicas experimentais para a época (Powdermaker, com uma perspectiva malinowskiana para estudar contextos de *plantation*; e, Johnson, combinando achados ecológicos da escola de Chicago com material quantitativo). Outras leituras reforçam as pressões que Hurston sofreu de indivíduos ligados direta ou indiretamente a seus trabalhos – o professor Franz Boas, a patrocinadora de seus projetos, Charlotte Osgood Mason, e Alain Locke, intelectual negro e um dos fundadores do *Harlem Renaissance*. Esse aspecto é especialmente visível na análise comparativa entre Hurston e Margaret Mead feita por Deborah Gordon (1990).

Gordon (1990) retira toda a autoridade possível da escrita de Hurston e de suas escolhas como pesquisadora, sobretudo pela forma como reitera a autoridade de Mead pela sua popularidade em comparação à Hurston. Gwendolyn Mikell (1982 *apud* Freeman Marshall, 2023), anos antes, já havia oferecido uma perspectiva menos apoiada na questão da autoridade ou das pressões de mentores, estando mais atenta aos contextos culturais e históricos com os quais Hurston lidou. Ela indicou, inclusive, a influência do psicologismo de Ruth Benedict e da proeminência dos fatos ante um construto teórico, próprio da análise boasiana, como pontos que explicam algumas das escolhas de *Tell my horse*. Jennifer Freeman Marshall (2023: 108) se apoia em outros textos de Mikell sobre Hurston e sua recepção para evidenciar que os públicos brancos e negros de leitores tinham diferentes expectativas e projetos em suas leituras da autora: os primeiros procuravam uma forma

de representar a realidade e as técnicas de trabalho de campo que pudessem aprimorar o entendimento de outras culturas (não brancas); intelectuais negros, por sua vez, estavam preocupados em superar a questão racial e comprovar a dignidade e originalidade da cultura afro-americana. Apesar de evidenciar esses pontos quanto à perspectiva teórica e à recepção da obra de Hurston, a contribuição de Mikell não ressoa em outras abordagens (nem naquilo que ela traz de novo).

Em 1995 é publicado o texto de Graciela Hernández “Multiple subjectivities and strategic positionality” sobre Hurston, na coletânea *Women writing culture*.<sup>4</sup> Ela reitera o caráter situado e experimental da autora no que concerne a sua capacidade de estender convenções etnográficas que até meados dos anos 1980 seriam vistas como estratégias literárias. Hernández (1995: 151 – tradução livre) salienta que

[o]s relatos subjetivos encontrados em *Mules and Men* e *Tell my horse* (1938), duas das etnografias de Hurston, antecipam dilemas e trajetórias acadêmicas correntes. O uso do subjetivo desestabiliza a autoridade etnográfica de Hurston e, no entanto, fornece uma posição estratégica da qual se veem suas alianças cambiantes.

O aspecto corporificado dessas etnografias é destacado por Hernández. Nelas, Zora Hurston se coloca e é colocada por seus interlocutores como mulher negra (racializada) e em função de sua classe social, a qual varia conforme o contexto em ambos os casos. No entanto, Hernández termina por criticar alguns tropos de escrita e autoridade etnográfica, já levantados por Deborah Gordon (1990). Freeman Marshall contrapõe essas investidas. Ela assinala que o estilo de escrita, que inscreve a presença nas diversas situações trazidas, recupera claramente um modelo comum entre pesquisadoras e pesquisadores que reproduzem o modo de autoridade do trabalho de campo moderno, o conhecido “você está lá porque eu estive lá” (Clifford, 1983). E atenta para a pouca atenção aos sujeitos estudados. Afinal, como ela os representa? Qual a sua intenção em pesquisar essas comunidades e o que ela traz de novo diante das produções da época?

Ainda dentro do argumento de Freeman Marshall, se vê a necessidade de reconstruir os embates entre antropólogas feministas e autores pós-modernos/pós-estruturalistas. Não me interessa refazer todo o debate aqui, mas apontar para o movimento em direção aos argumentos de Kamala Visweswaran (1988), que defende a obra literária de Zora Hurston como exemplo experimental de etnografia feminista. Voltarei a isso mais adiante. Antes, cabe considerar as questões anteriores de um ponto específico na obra de Hurston: o propósito da sua antropologia.

4 Importante trabalho de feministas em resposta à ausência de antropólogas no famoso/mal-afamado *Writing Culture* (Clifford & Marcus, 1986).

### A educação da percepção em *Tell my horse*

Tratar do comprometimento de Zora Hurston com seus interlocutores, sua principal contribuição em relação a uma ética de pesquisa, é fundamental. O título do livro em questão já indica a leitoras e leitores que, apesar de abordar diversas questões relacionadas ao Haiti e à Jamaica, com uma economia textual pouco comum pelo caráter das suas seções, o texto tem um enfoque central: as práticas culturais, os costumes e as visões de mundo de camponeses haitianos. A expressão *tell my horse* é uma tradução para o inglês de *parlay cheval ou*, em *creole* haitiano –, que se escutava quando alguém incorporava o *loa* ou *mystère* Papa Guede. Tido como um dos *loas* dos mortos, ele também é, segundo a interpretação de Hurston, a única entidade (entre as que descreve) que não tem origens/influências europeias ou africanas.

Essa informação só será fornecida na terceira e última parte do livro, voltada completamente para as “variações” do vodu que Hurston pôde descrever. Isso se deve a dois fatores: a inefável quantidade de deidades que compõem o panteão do vodu e que variam regionalmente e, ao mesmo tempo, o fato de que a autora se iniciou como praticante, faltando somente uma última etapa para que se tornasse sacerdotisa ou *mambo* (logo, havia coisas que não poderiam ser ditas, como observou Dutton (1993)). Ao contrário de *Life in a Haitian Valley* (1937), de Melville Herskovits, publicado um ano antes, Hurston não opera no registro da aculturação ou da tendência ao desaparecimento dos “traços africanos” na cultura haitiana. Procura, isso sim, responder a visões deturpadas e estereotipadas dos rituais do vodu haitiano e seus simbolismos. Esses modos de ver se disseminaram em decorrência de obras publicadas durante a ocupação norte-americana (1915-1934) no país, o que foi fundamental para o desdém público das oligarquias haitianas em relação à cosmologia do vodu, além de causar o sentido de assombro e exotismo nos leitores estadunidenses.<sup>5</sup>

Colocando esse ponto à parte, quero retornar à economia textual e a algumas das escolhas temáticas de Zora Hurston como elementos que indicam um propósito de educar a percepção dos leitores e das leitoras. Isso porque o livro começa com a descrição do cotidiano colonial jamaicano – os modos britânicos da Jamaica como colônia. As intenções das pessoas em parecer e agir como inglesas chamam a atenção da autora, tanto em contextos de mistura racial quanto no caso de pessoas com a pele retinta (dilemas semelhantes aos elaborados posteriormente por Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas*, de 1952). “A situação apresenta um curioso espetáculo para os olhos de um negro americano” (2009 [1938], p. 7), descreve Hurston. O desejo por ser “oficialmente branco”,

5 Não pretendo citar tais obras, uma vez que concordo com o propósito do trabalho de Hurston.

ainda que somente no censo ou nas disputas entre conhecidos, quando o pai é branco e a mãe é negra, leva a descendência materna a ser escondida, segundo a autora. Daí vem a ideia do ninho do galo ou “Rooster’s nest”, conforme o título do capítulo inicial: filhos somente dos “galos”, que iam para a Jamaica para pôr seus ovos e criar “pessoas cor de rosa”. Ainda assim, de acordo com a antropóloga, os negros jamaicanos estavam, então, começando a se respeitar (argumento que ela exemplifica com provérbios populares).

Nos capítulos seguintes, a autora destaca a ocasião em que experimentou bode ao curry na paróquia de St. Mary e os rituais que compunham um casamento, durante pelo menos dois dias. Ela também descreve a interação contenciosa que teve com um homem que criticava a disposição de mulheres “ocidentais” (leia-se, “americanas”) a trabalhar – como algo que atrapalhava as relações amorosas. Dessa ocasião, Hurston aproveita para explicar como se dava o ritual de preparação de mulheres virgens para as primeiras experiências sexuais, que envolviam o *ganga*<sup>6</sup> – segredos cujos detalhes somente as mulheres mais velhas sabiam explicar.

De tais descrições – tratadas por seus comentaristas como relatos de viagem –, ela passa, no terceiro capítulo, à história da caçada ao porco selvagem entre os quilombolas (maroons) da comunidade de Accompong (então, sob a tutela de um coronel inglês), “[...] mais antigo assentamento de homens libertos no mundo ocidental” (2009 [1938], p. 22). No mesmo trecho, conta, ainda, como o dito coronel sondou suas intenções ao relatar que Melville Herskovits também havia passado por ali e o quanto outro pesquisador (não citado) havia pagado para ver as danças locais. Explica que foi evasiva e escondeu suas intenções ao dito administrador colonial como pôde, e que respondeu à oferta de uma apresentação ensaiada dizendo ser demasiado experiente na coleta de dados para se colocar em tais situações. Como relata:

O que eu realmente estava fazendo eram observações gerais. Eu queria ver como os Maroons eram, de fato; como eles eram um corpo autogovernado. Queria ver como eles se sentiam em relação à educação, ao transporte, à saúde pública e à democracia. Queria ver sua cultura e expressões artísticas e sabia que se perguntasse por alguma coisa específica, teria algo fora de contexto. Escutei bastante e queria saber sobre seus remédios primitivos. Estava interessada em venenos vegetais e seus antídotos. Então, só me sentei e esperei (Hurston, 2009 [1938], p. 23).

Mas ela não só se sentou e esperou. Como o percurso da obra demonstra, interagiu com o administrador colonial e sua família, bem como com uma liderança tradicional que tinha uma relação conflituosa com o coronel. Acompanhou a caçada de um porco selvagem

6 O *ganga* ou *ganja* se refere à erva da maconha, trazida por trabalhadores servis de origem indiana. O nome alude ao rio Ganges, em cujas margens nascia esse tipo de planta, segundo Hurston.

(central para a vida ritual dos maroons de Accompong) e ainda participou das cerimônias funerárias conhecidas como *nain nait* (nove noites).<sup>7</sup> Assim, apesar de encerrar a parte dedicada à Jamaica no quinto capítulo, ao qual retornarei adiante, Hurston oferece ao leitor ou leitora, pinceladas diversas e amplas da composição de modos de relação que atravessam cotidianos caribenhos.

Essas pinceladas são amplas porque contêm histórias e microprocessos na forma de enredos. Elas encontram ligações parciais entre si e são apresentadas de modo quase serial, criando um efeito impressionista ao olhar distanciado. No entanto, cada situação trazida por Zora Hurston carrega indícios de processos históricos complexos, tais como: o domínio colonial, o tráfico de escravizados, as complexas relações raciais caribenhas e o lugar “estranho” do Caribe no imaginário ocidental. A esse respeito, compreendo que Hurston faz algo próximo daquilo que Tim Ingold (2015, p. 338) indica como uma forma de superação entre a diferença de modos teóricos e descritivos ou entre trabalhos nomotéticos ou idiográficos (presente em Radcliffe-Brown). O próprio Ingold, nessa reflexão, explicita seu entendimento do que deva ser a tarefa da antropologia: um estudo “com” as pessoas, no qual se pretende explicitamente educar a nossa percepção do mundo (de antropólogas e antropólogos). Um exercício de abertura do mundo (Ingold, 2015, p. 340-341).

Ora, se não há filiação teórica única para definir o que é a antropologia, é possível considerar, então, o propósito pragmático que Ingold define para esse modo de conhecimento: aprender “com” para educar, em última instância, percepções ocidentais do mundo. Tarefa essa que é explicitamente efetuada por Zora Hurston em *Tell my horse*. Ela se senta para ver, mas, do mesmo modo, interage para alcançar entendimentos mais amplos. Dirige-se ao *méconnaissance* estabelecido em sua sociedade (estadunidense) sobre as práticas do vodu. Assim, acaba acessando não só as perspectivas locais, mas a presença perniciosa de entendimentos imperialistas que habitam os contextos caribenhos. É a partir dessa combinação complexa e ambígua que se pode localizar sua menção ao massacre de 1937 e ao ditador Rafael Trujillo.

---

7 Descritas no capítulo seguinte da referida obra de Hurston. A tese de doutorado de Claudia Fioretti Bongianino descreve com profundidade cerimônias homônimas em Old Bank, Bocas del Toro, Panamá (2018). Esses encontros fúnebres (Bongianino, 2018, p. 4) são importantes para diversas comunidades no Caribe e não são exclusivos do contexto jamaicano, entre tantas outras práticas disseminadas entre as ilhas e a parte continental da região.

### O inaudito Trujillo, por Zora Hurston

É notável que um trabalho tão perscrutado e criticado não tenha essa passagem considerada entre seus comentaristas. Se, por um lado, observa-se que a autora não reserva muitas páginas para tratar de Trujillo ou do massacre de haitianos na fronteira. Por outro, o tom de gravidade que ela dá para o acontecimento e a descrição da ampla disseminação do nome do ditador dominicano entre haitianos são dignos de atenção.

Hurston descreve e inclui, além dessas questões, elementos de geopolítica nos primeiros capítulos da segunda parte, intitulada “Politics and personalities of Haiti”. É como se ela convidasse o leitor a entender um pouco mais da história haitiana, ainda que com limitações historiográficas e alguns comprometimentos com seus leitores estadunidenses (o que a faz elogiar a ocupação de 1915 a 1934). Por isso, o capítulo que inaugura esse conjunto se intitula “O renascimento de uma nação”, em tradução livre para o português, seguido de “Os próximos cem anos”, “A Joana Darc preta” e “A morte de Leconte”. Em outras palavras, é uma parte dedicada a acontecimentos históricos e à geopolítica que precede as explicações sobre o vodu no Haiti, uma espécie de condutor de leitura.

O tom que define o início do primeiro capítulo dessa parte é de uma descrição romanceada dos acontecimentos de 1915, que antecederam a ocupação do país. Passa pelos desmandos do presidente Jean Vilbrun Guillaume-Sam<sup>8</sup> (com a milícia dos Cacos sob seu controle), que mandou executar em torno de 150 opositores políticos já encarcerados. A execução levou a uma revolta coletiva que viria a servir de justificativa para a ocupação pelo exército estadunidense (mas que não foi capaz de evitar o assassinato do próprio Sam). Sabe-se que a desestabilização política foi financiada por bancos estadunidenses, e, uma vez que o exército dos EUA começou a controlar o governo, a lei marcial foi aplicada. A versão em romance desses eventos, descrita por Hurston (2009 [1938], p. 72) como a chegada da “esperança branca”, remete aos modos como a luta contra os inimigos internos (nesse caso, a milícia dos Cacos) seria vencida.

É no capítulo que segue, “Os próximos cem anos”, que Hurston propõe uma teoria para representar, de modo bifurcado, a história haitiana: primeiro, era o país dos senhores e dos escravizados; depois, se tornou o país da educada elite “mulata” e dos negros (camponeses).<sup>9</sup> Ela apresenta os eventos da revolução haitiana, a partir de

8 Guillaume-Sam era primo de ninguém menos que Jean Price-Mars (O “tio” da antropologia haitiana). Para detalhes sobre a importância desse parentesco na trajetória do grande antropólogo haitiano, ver o recente artigo de João Felipe Gonçalves (2022).

9 O problemático termo “mulato” entra aqui por seu uso histórico e contextual no próprio Haiti, bem como por seu uso no trabalho de Hurston. No entanto, reitero que não se trata do uso corrente e essencialmente pejorativo/racista que temos no português. Refere-se, originalmente, a um marcador de classe que indicava pessoas de cor da elite que não tinham a pele retinta, chamados *mulâtres*, em

algumas personalidades, mantendo exposta a complexidade e a ambiguidade de cada situação política. O então presidente daquele período, Stenio Vincent, se apresenta como um segundo libertador haitiano (ou, segundo Toussaint Louverture, líder da revolução haitiana), uma vez que estava conduzindo o país no rescaldo da ocupação. O corte seccional da sociedade haitiana se explica, para ela, na distância que separa a camada dominante (com personalidades, às vezes, bem-intencionadas, em outras, descaradamente mentirosas) das condições paupérrimas das camadas baixas. Argumenta, ainda, que a habilidade de mentir é, de certa maneira, o que os une – o que é problemático, para dizer o mínimo.

Esses pontos são ilustrados com pequenas anedotas e apontamentos que demonstram a circulação de Hurston em círculos da elite educada haitiana. Por sua vez, a caracterização das mentiras de camponeses e populares é descrita como uma disposição pícara ou *trickster*, diante das opressões cotidianas. Sua leitura sobre as camadas altas é, em geral, despectiva, sobretudo por negarem publicamente a existência do vodu, mesmo que estivessem “sob o som de tambores” (2009 [1938], p. 83). Preocupados com a forma pela qual são vistos, não se atentam aos evidentes problemas de seus concidadãos, que seguiam passando fome, apesar da intervenção americana e da “libertação” de Vincent.

É nessa passagem que o massacre de 1937 é retratado por Hurston. Ela localiza tal acontecimento como exemplo de um condicionamento prévio que atravessa o período da dominação estadunidense (isto é, da própria indiferença entre as camadas da população). Ela começa se referindo, com surpresa, às declarações de Stenio Vincent sobre a incapacidade de defesa das forças haitianas frente ao ataque dominicano. Adiciona o fato de que havia grupos de insurretos entre os camponeses, preparados para uma revolta no sul do país, quando ocorre o massacre na região fronteiriça. Por isso, estão entre os questionamentos de Hurston (2009 [1938], p. 88, tradução livre): “O presidente Vincent pensa que é melhor permitir que os dominicanos matem alguns milhares de camponeses haitianos do que armá-los e arriscar ele próprio ser morto? [...] Será que teme mais seu povo do que Trujillo?”. Segundo a autora, a preocupação do então presidente era com outras figuras do cenário político haitiano, como o coronel Calixte – chefe da guarda do Haiti que tinha sido treinado por americanos e vinha de uma família do norte do país. Por esse motivo, era respeitado pela população e tomado como uma liderança até mais forte que Vincent.

Além dele, outro nome circulava entre os populares haitianos: Rafael Trujillo. Ela o introduz da seguinte maneira:

---

francês, e *milat*, em *creole* haitiano. A respeito das diferenças e filigranas da racialização no Haiti, ver Firmin (2013 [1885]), James (2010 [1963]), Trouillot (1990), Thomaz (2005) e Gonçalves (2022).

Há outra pessoa no Haiti que as pessoas não esquecem. Ele não está lá em pessoa, mas sua sombra caminha como um homem. Essa é a sombra de Trujillo, presidente da vizinha Santo Domingo (República Dominicana). Trujillo não está no Haiti; ele tampouco é haitiano, mas tem conexões que alcançam todo lugar. Ele tem parentes lá, numerosos amigos e admiradores. O dia inteiro os haitianos apontam para o homem de Santo Domingo. Alguns deles com medo, o resto com admiração. Alguns haitianos ainda falam dele com esperança. [...] Eles lembram da resplandecente visita ao Haiti em 1936 e posteriormente seus presentes de comida e provisões para os camponeses haitianos (Hurston, 2009 [1938], p. 90, tradução livre).<sup>10</sup>

A aparente presença ubíqua de Trujillo, pelas palavras de Zora Hurston, aponta para um aspecto que só será retomado posteriormente na literatura a respeito da relação entre os dois países que dividem a ilha de Hispaniola. Em artigo de 2002, “A world destroyed, a Nation imposed: 1937 Haitian massacre in the Dominican Republic”, o historiador Richard Turits reconstrói o mundo da fronteira, que muito diferia das dinâmicas entre oligarcas e camponeses destacado por analistas do Haiti até então, com exceção de Derby (1994). O massacre de haitianos (que provavelmente também tirou a vida de dominicanos que ali viviam) significou a destruição de um mundo de trocas e convivências. A crueldade de Trujillo tinha o objetivo claro de fabricar uma diferença à força. Afinal, ele estava ciente da influência que tinha no Haiti e de como era visto com admiração pela paupérrima população camponesa. Havia a esperança de que sua aproximação em 1936 fosse o preâmbulo para a cooperação, de que impulsionasse ambos os países – mesmo entre os novos intelectuais da elite haitiana, com os quais Hurston conviveu, a expectativa era de que os avanços dominicanos pudessem gerar melhoras para seu país.

Essa passagem segue como uma reflexão da autora sobre os caminhos possíveis para o Haiti e sobre o que projetavam os jovens intelectuais. A divisão quase estamental entre as classes era marcada também por práticas linguísticas – a oligarquia, falante de francês, e o campesinato, do *creole* –, bem como pela questão religiosa, um país oficialmente católico, mas popularmente praticante de vodu (e o encorajamento das diferenças de tom de pele por padres católicos) (Hurston, 2009 [1938], p. 91). A autora descreve que o “vodu (como o whisky nos Estados Unidos) tem mais inimigos públicos e mais amigos no privado do que qualquer outra coisa no Haiti” (Hurston, 2009 [1938], p. 92, tradução livre). Sem embargo, na percepção da antropóloga norte-americana, havia um sentimento

---

10 É digno de nota que Zora Hurston confunda o nome do país, República Dominicana, com a capital Santo Domingo, que nesse período, mais exatamente a partir de 1936, passou a ser chamada de Ciudad Trujillo (Derby, 2009). Em parte, isso se relaciona com a personalidade egocêntrica do facínora, bem como com o fato de ele haver reconstruído a capital dominicana após o furacão San Zenon que devastou a cidade em 1930.

cada vez mais antifrancês entre os jovens (algo que ela via com bons olhos por significar um possível orgulho nacional). Eles notavam que o problema do país não era o vodu, e sim a política (e os padres católicos estrangeiros). Questionando as possibilidades para o futuro do Haiti, ela considera que se estaria entre a vanguarda jovem e o “sempre pronto” Trujillo, do outro lado da fronteira. Como ela própria coloca, esse era o país que encontrou.

A despeito das críticas possíveis diante de um tratamento generalista sobre o massacre (acerca do qual se levaram anos para reunir informações), é importante reconhecer que o legado de terror do ditador ainda não havia sido completamente compreendido nem concretizado (ele se manteve até 1960 no poder). Como norte-americana, Hurston conservava uma leitura relativamente positiva de um político que havia sido formado por academias militares estadunidenses. Aqui parece ser necessário reconhecer, mais uma vez, os possíveis cálculos elaborados pela autora para conduzir a perspectiva de leitores dos Estados Unidos.

Importa observar mais o “inaudito” Trujillo e sua ubiquidade na ilha de Hispaniola (onde estão Haiti e República Dominicana). A atenção de Zora Hurston para o ponto de vista de seus interlocutores a impede de descartar ou criticar o ditador (que, diga-se de passagem, era então somente mais um presidente latino-americano). A forma como ela o traz para o panorama político do Haiti, como uma sombra pernicioso, ressoa a perspectiva que a historiadora Lauren (Robin) Derby irá desenvolver em sua obra (2009) a respeito da sedução de Trujillo. A presença do ditador que se espraia nas conversas de haitianos revela uma espécie de presságio da autora. Ainda assim, trata-se de uma abordagem sucinta e preocupada com uma leitura mais ampla, atenta ao modo como os camponeses e os intelectuais da elite haitiana estão situando o ditador dominicano.

Em termos de localização da sua escuta antropológica, aquilo que fez Hurston orientar a perspectiva de seus leitores para esse binômio social haitiano, há certamente uma ressonância com o clássico *Ainsi parla L'oncle. Essais d'Ethnographie*, de Jean Price-Mars, que antecipou muitas dessas questões dez anos antes na edição francesa de 1928 (o livro foi publicado em inglês somente em 1954). João Felipe Gonçalves (2022, p. 104) aponta para o fato de que nesse mesmo ano Margaret Mead lançara *Coming of age in Samoa*, no qual somente no terceiro apêndice são contemplados os efeitos da presença colonial e missionária estadunidense. O chamado “Tio da antropologia haitiana”, por sua vez, havia produzido uma obra em que cultura, poder e história se entrelaçam. Mesmo que Hurston não o tenha citado (como muitos o fizeram), é possível dizer que seu enquadramento refaz alguns dos passos trilhados por Price-Mars, cujas ideias circulavam entre a mesma elite com a qual ela conviveu durante sua estadia.

Seu contínuo modo anedótico de articular cultura, poder e história acaba permitindo, em outras passagens, que a descrição da ocupação e da invasão norte-americana no Haiti ganhe contornos mais sombrios: como a parte em que compara a atuação dos soldados com as atividades terroristas da racista Ku Klux Klan no sul dos Estados Unidos; e/ou quando descreve a conversa com um haitiano que foi treinado pelo exército estadunidense e se oferecera para “matar” qualquer coisa que estivesse em seu caminho. Assim, se não é possível afirmar que Zora Hurston “funda” uma nova perspectiva sobre o Haiti, tampouco é possível deixar de lado seu gênio criativo e inovador. Uma clara tentativa de abordar problemas histórico-políticos e questões da política contemporânea ao seu tempo, sem que a obra se tornasse uma tragédia – caminho seguido por outro livro publicado em 1938.<sup>11</sup>

Zora Hurston tinha o compromisso antropológico de apresentar outro Haiti que não o das histórias fantasiosas produzidas ao longo da ocupação, tanto para o público norte-americano quanto para seus colegas e companheiros literatos negros dos Estados Unidos. Sua experiência foi fortemente marcada por seu corpo, ou pelas formas como sua presença enquanto mulher negra, norte-americana, desacompanhada em diversas situações, era compreendida por seus interlocutores. Essa é, certamente, outra forma de abordar cultura, poder e história em tal contexto. É nesse ponto que ainda há algo a se explorar no fator ‘experimental’ de seu trabalho: a maneira com que se deixou afetar pelo Caribe em sua literatura, em livro escrito durante a estada no Haiti.

### O ‘experimental’ através de um corpo no Caribe

Zora Hurston é capaz de articular uma série de situações em *Tell my horse*, as quais expõem as formas pelas quais é compreendida por seus interlocutores. A homologia de algumas dessas situações com trechos em que descreve os percursos da personagem principal em *Their eyes were watching God* (doravante, TEWG) indica os efeitos do Caribe em sua perspectiva. No prefácio da última edição desse livro, Edwidge Danticat (importante romancista haitiana) explica que a obra foi escrita em sete semanas da estada de Hurston no Haiti. Ainda assim, é evidente, para quem conhece o trabalho anterior da antropóloga, que seu romance recria alguns de seus passos durante a pesquisa para *Mules and men*.

A despeito da descrição de lugares semelhantes àqueles em que esteve na pesquisa anterior, quero argumentar que algumas questões trazidas pela autora na experiência de *Tell my horse* são replicadas e/ou reformuladas na personagem principal de TEWG, Janie Crawford. De modo a organizar esses diálogos possíveis entre a obra antropológica e o

11 Nomeadamente, *Os jacobinos negros*, de CLR James – transformado de romance a tragédia em sua segunda edição de 1963.

romance, proponho três aproximações para evidenciar esses efeitos do Caribe no modo de pensar a trajetória de sua protagonista. A primeira é a localização de gênero e raça, constantemente refeita e reiterada nos itinerários de Zora/Janie; a segunda, a descrição de comunidades negras (afro-americanas/caribenhas) e a ambiguidade de suas lideranças; e, por último, o lugar do meio ambiente como actante que afeta corpos vulneráveis. Com esses três temas, é possível observar como Zora Hurston estava fabricando diversas camadas entre seus escritos. Vejamos como isso opera em detalhe.

No último capítulo da primeira parte do seu trabalho sobre Jamaica e Haiti, intitulado “Mulheres no Caribe”, a autora aborda a ausência de espaço para a mulher na região. Apesar de ser um pequeno capítulo, ela introduz dois pontos que servirão de pano de fundo para o entendimento da trajetória de outras mulheres descritas nas partes dedicadas ao Haiti. E, da forma como vejo, também serve para informar as condições sob as quais fez sua pesquisa. O primeiro trata daquilo que hoje se entende por interseccionalidade da discriminação de gênero e raça, quando comenta: “A superioridade sexual é ainda mais complicada pela classificação de classe e cor.” (Hurston, 2009 [1938], p. 58). Em outras palavras, a divisão entre oligarcas e classes populares era bem demarcada e reforçava outras formas estruturais de desigualdade.

O segundo ponto diz respeito a questão da honra, descrito por meio da história de uma bela jovem negra que havia iniciado sua vida sexual com um homem de outra classe hierarquicamente superior. Um ano após o casamento dele com uma mulher de sua classe, ele a impede de casar-se ao interpelar seu então futuro marido sobre querer ou não “bens de segunda mão” (Hurston, 2009 [1938], p. 61). No mesmo trecho Hurston, explica a situação: “A honra de dois homens foi salva, e a honra de homens é importante no Caribe”. Essa anedota é exemplar de uma série de discussões que viriam décadas depois sobre respeitabilidade e reputação, desde pelo menos a etnografia de Peter Wilson na ilha de Providência, então pertencente à Colômbia (1973).

O apontamento acompanha outras personagens do trabalho de Zora Hurston no Caribe, mas é também uma das características mais marcantes do itinerário da protagonista de TEWG, Janie Crawford. Uma mulher que se casa três vezes: a primeira, com 16 anos por obrigação de sua avó; a segunda, depois de fugir, por conveniência, com o homem que a leva para uma cidade só de pessoas negras no sul dos Estados Unidos; e, após a morte dele, com um homem mais jovem com o qual teve uma relação mais explicitamente afetiva, mas marcada por situações de violência. A protagonista conta suas histórias, revelando que ser triplamente viúva a fez passar a ignorar ou relevar, depois de muito sofrimento e violência, as convenções sociais que a marcavam como mulher negra. Janie tem sua respeitabilidade

e reputação constantemente questionadas. Apesar disso, segue seu caminho, em cada experiência aprende sobre si e sua posição como mulher negra da classe trabalhadora, navegando entre as frestas possíveis da existência.

O quanto a persona de Janie ressoa os processos de Zora Hurston não é algo passível de mensuração. No entanto, a forma como a autora os utiliza para costurar os acontecimentos narrados em *TEWG* demonstra um controle da história. A atenção à comunidade em que Janie passa a viver depois de fugir do primeiro marido é o ponto mais claro da relação entre a autora e a protagonista (segunda temática em comum entre as obras), isto porque Eatonville era a própria cidade da autora (o nome no livro é o mesmo). Localizada no sul dos Estados Unidos, foi uma das primeiras cidades formada e governada somente por pessoas negras. A ela, Hurston dedica um espaço importante como cronotopo de desenvolvimento da sua protagonista e de complexificação de sua perspectiva.

Aquele que se tornaria seu segundo marido, então companheiro de fuga, leva-a para esse lugar. E, aos poucos, através de empreendimentos como a compra de lotes de terra, a instalação de um poste de luz e a responsabilização pelo serviço postal, esse homem, Joe Starks, se torna a primeira figura pública e prefeito da pequena cidade. Janie assiste a essa transformação do balcão da mercearia montada por ele e da qual é obrigada a cuidar. No entanto, é da varanda da própria mercearia que ela escuta as histórias e percepções de concidadãos a respeito da forma de governar de seu marido.<sup>12</sup> Antes tido como uma liderança importante e respeitado por todos, ele se torna cada vez mais um estranho. Na perspectiva de Janie:

Já era ruim o suficiente pelos brancos, mas quando um de sua própria cor podia ser tão diferente te faz questionar. Era como ver sua irmã se transformar em um jacaré. Um estranhamento familiar. Você continua vendo sua irmã no jacaré e o jacaré na sua irmã, e você preferia não ver. Não havia dúvidas que a cidade o respeitava e até o admirava em certo sentido. Mas qualquer homem que caminha na via do poder e da propriedade tende a encontrar ódio (Hurston, 2006 [1937], p. 48).

Assim, apesar dessa crítica emergir das conversas de varanda, também encontradas nas descrições de *Mules and men*, há uma certa homologia na preocupação dos rumos políticos de comunidades negras autônomas – entre Eatonville e Haiti. A problemática dinâmica de poder que Hurston narra em seu romance também era uma realidade no Haiti em que escrevia essas mesmas linhas. Ao localizar a gênese desses problemas nas

---

12 Na pesquisa de *Mules and men*, a autora também escuta diversas histórias *folk* de conhecidos e mais velhos, na varanda em Eatonville. É interessante pensar, ainda, como a varanda aparece como um limiar ou meio caminho entre a pesquisa de campo de observação participante e as reflexões de gabinete (ou poltrona), no que se entende pela história da antropologia.

relações de propriedade e distribuição de poder, fica evidente que não se trata de uma dinâmica somente pessoal ou resultante de diferenças aleatórias. É um “estranhamento familiar” (Hurston, 2006 [1937], p. 48), do qual a familiaridade habita a costumeira posição até então percebida como dos brancos. Independentemente do quanto isso tenha ocorrido de fato na verdadeira Eatonville, o tema é privilegiado por Hurston tanto na obra antropológica como na obra literária: a manutenção de relações de poder vinculadas à propriedade, fundamento que compõe também as relações advindas da *plantation*.

Se, por um lado, esse modo de produção não é abordado diretamente por Zora Hurston em sua análise sobre o Haiti, por outro, ele permeia as dinâmicas sociais descritas, sobretudo pelo marcador dos camponeses. Ao tratar dessa população, a autora ressalta as condições de opressão em que eles se encontram, ainda que não as analise como efeito da *plantation* (condições que já não existiam no modelo colonial/capitalista tal como antes da independência). Em contraposição, o vodu aparece como espaço comunitário onde essa opressão (a combinação do imperialismo americano e das oligarquias) era respondida e reformulada a partir de outras possibilidades de vida e conexão.

Além das descrições detalhadas de rituais e da composição de Hounfort (um tipo de terreiro do vodu haitiano), ela se atenta para algumas entidades, como o próprio Papa Guede, e para o uso das imagens de santos católicos como referenciais aos *loas*, mas sem que estes se confundam.<sup>13</sup> Ganha destaque o modo como as relações com o meio ambiente são trazidas como parte da cosmologia (como agentes nas anedotas, terceiro tema em comum entre as obras), sobretudo como os *loas* habitam determinadas paisagens, objetos e atuam em seres inanimados e/ou inorgânicos. A descrição ao final do livro da cerimônia aos Cabeças da Água (*Tete L'eau*), na cachoeira de Saut D'eau, parece ter uma interessante sugestão sobre a água. A começar, a autora retrata o ritual exaltando as diferenças entre camponeses e membros da elite haitiana (recomendando, inclusive, que se frequente a celebração feita por estes, devido à abundância das comidas e oferendas). Enquanto explicita sua participação, os caminhos que fez, comenta sobre os vendedores de velas e santinhos dominicanos e haitianos. Do mesmo modo, traz junto desse retrato aspectos da história da cerimônia.

A devoção ao local surge depois da aparição da imagem de uma virgem sobre uma palmeira, em 1884, onde estava sendo construída uma igreja. A virgem luminosa surgiu nas folhas da palmeira próxima à queda d'água; imediatamente as pessoas se encantaram pela aparição, que desvaneceu após cantar-se uma canção. Muitas pessoas passaram a

13 Para ver mais a respeito da relação entre vodu e catolicismo no Haiti, recomendo o trabalho de Joan Dayan (1995). Sobre essa mesma relação na vizinha República Dominicana, ver Castillo de Macedo (2019).

frequentar aquelas águas e relataram ser curadas de doenças e enfermidades. O padre da futura paróquia tentou cortar a árvore, mas, no primeiro golpe de facão sobre o tronco, a lâmina voltou para si e o feriu gravemente. Levado a Port-au-Prince, ele acabou falecendo. Posteriormente, a Igreja Católica derrubou a árvore e construiu uma igreja no mesmo lugar. No entanto, esse edifício e outras tentativas de reconstruí-lo foram destruídas uma a uma, por fogo ou raios. Segundo Zora Hurston, essa é a história da Virgem de *Ville Bonheur*. Os rituais da celebração feita nas ruínas da igreja envolviam orações católicas (como o Pai-Nosso e o Creio), mas também levavam os camponeses a se despirem para o banho nas águas sagradas. Mesmo as mulheres – e Hurston ilustra a cena com uma foto – se despriam para acessarem os poderes ali contidos. O salto d'água estava dividido em três platôs depois da enchente ocorrida em 1933, o que antes eram duas seções de rocha e água.

A própria autora explica que havia sido impedida de banhar-se, uma vez que seu processo de iniciação não estava completo. A interdição foi colocada pelo *houngan* (sacerdote) responsável pela sua iniciação, Louis Romain. Naquelas águas, habitava o espírito *Agoue' ta-Royo* – e, segundo a descrição trazida no décimo quinto capítulo, ele entrava na cabeça das pessoas que ali se banhavam, fazendo-as aparentar embriaguez ou falarem em línguas (Hurston, 2009 [1938], p. 231). Entende-se que *Agoue' ta-Royo* carregava pessoas para viverem, por anos, em uma terra abaixo das águas, de onde elas poderiam voltar (como uma senhora afirmou ter feito). Hurston comenta, também, como as pessoas receberam negativamente a presença policial no local, a pedido de um padre católico. Em oposição ao acoso da Igreja Católica, ela exalta a beleza que encontrou na cerimônia. Descreve que é melhor ver os camponeses subindo e escalando as cachoeiras com seus pés descalços para encontrar “Ele” (Deus) face a face, na sua busca pelo “belo e eterno”, do que escutar dentro de uma igreja um homem falar sobre a contemplação aos sofrimentos do “Senhor” (Hurston, 2009 [1938], p. 234-235).

O lugar da água, ambíguo em sua força e sacralidade, contendo poderes indescritíveis à compreensão humana, é, ainda, um cronotopo importante para o desfecho de TEWG. É após uma enorme tempestade, com uma enchente subsequente, que Tea Cake, o último companheiro da protagonista, perde sua vida (no rescaldo de transtornos gerados pelo evento climático). Mas a cena de toda violência e beleza que a água gera se passa na pantanosa região do Parque Nacional *Everglades* (ao sul da Flórida), onde a personagem e o companheiro estavam vivendo, trabalhando em plantações de feijão. Em meio à escuridão que a chuva gerou durante a violenta tempestade, eles contemplam, juntos, o divino que o título do livro anuncia (Hurston, 2006 [1937], p. 160). À medida que a narrativa segue,

Janie passa por uma nova série de intempéries e desventuras, que levam à morte de seu companheiro. Trocando em miúdos, ao conseguirem se afastar daqueles volumes de água, ela e Tea Cake caminham para sua derradeira despedida.

Quero sublinhar, numa aproximação possível com a reflexão de Olivia Gomes da Cunha (2022), a ideia de que os sentidos da água, nesse caso específico, corpos de água doce, podem agir, atuar sobre, movimentar percursos, enredos e itinerários de sujeitos específicos.<sup>14</sup> Esse ponto não ficou evidente na primeira leitura que fiz de ambos os livros. Mas a água não pode ser ignorada na sua agência em ambas as obras. Parece haver uma composição em relação ao caráter inefável da água – ponto que pode ter tantos rendimentos que prefiro apenas indicá-lo aqui. Se, por um lado, pode-se concordar com a característica boasiana de seu trabalho antropológico, altamente descritivo – ainda que a narrativa tenha seu estilo de escrita; por outro, há uma combinação experimental na costura dos temas e caminhos traçados entre etnografia e romance.

O Caribe está presente em TEWG pelas temáticas que impõem formas e deixam implícitos diversos outros diálogos e conexões, o que pode ser abordado sob muitos aspectos. A perspectiva altamente corporificada dos temas do romance ressoa, a todo tempo, os sentidos da presença de Hurston entre seus interlocutores caribenhos. Mas essa costura reflexiva não se perde somente numa viagem sobre si. De novo, aqui se encontra a educação da percepção: as complexas questões geradas pelo domínio colonial, o tráfico de escravizados, as relações raciais (agora do sul dos Estados Unidos) e o lugar “estranho” da mulher negra no imaginário que atravessa o hemisfério. O corpo da mulher, o corpo político de coletivos de negros (afro-americanos/afro-caribenhos) e os corpos d’água doce que compõem os perigos divinos da experiência nessa região entre o sul da Flórida e o Caribe. Ainda que não se possa afirmar que exista uma pretensão ou cálculo da autora ao fazer as obras reverberarem em tantos níveis, a atenção que ela lega aos interlocutores no trabalho antropológico permite que sua imaginação flutue na construção do enredo no romance.

---

14 Apesar de se tratar de um contexto de racismo ambiental, uma vez que a autora relata os usos (controle e gerenciamento de hidrocomuns) da água por comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas, afetados pela agência estatal do governo federal brasileiro no período, encontro proximidades na atenção a “[f]ormas não modernas de ser/viver água através das quais humanos e não-humanos coabitam mundos temporalmente submersos, a morada de seres aquáticos e anfíbios, ontologias ‘aguadas’, ‘corpos de água’ condenados a desaparecimento no Antropoceno” (Cunha, 2022, n.p., tradução livre). Não parece ser uma coincidência que na mesma reflexão a autora se volte às consequências do furacão Katrina e de como as enchentes destruíram diversas comunidades negras no entorno do rio Mississippi, num movimento que se assemelha às marés (definindo quem e o que fica molhado ou seco, o quanto e como).

**Conclusão: a difusão de “pontos queimantes”**

Em meu percurso com a obra de Zora Neale Hurston, procurei explorar as questões trazidas a partir do que notei como o inaudito e o experimental no livro *Tell my horse*. Antes de demonstrá-los diretamente, conforme os conteúdos do livro, voltei ao debate reascendido por Jennifer Freeman Marshall (2023) a respeito das qualidades da produção antropológica de Hurston. O sobrevoo pelas diferentes leituras, feministas e pós-estruturalistas, que procuravam achar na obra da antropóloga uma vanguarda experimental pareciam estar longe do que ela pretendia com seus trabalhos. Freeman Marshall, ao recuperar de estudos de alguns interlocutores acadêmicos da antropóloga, demonstra como Zora Hurston não era a “única” a fazer experimentações.

Os questionamentos sobre sua autoridade etnográfica também pareciam descabidas, uma vez que ela se propôs a descrever diretamente aquilo que encontrou. Suas preocupações eram até pragmáticas: ela pretendia demonstrar que as imagens que circulavam nos Estados Unidos dos anos 1930 sobre o vodu e o Haiti eram mentirosas e carregadas de preconceitos, resultantes das muitas fábulas criadas durante a ocupação estadunidense do território haitiano. Conforme Freeman Marshall observa:

Com efeito, Hurston é mais capaz de educar uma audiência de 1930 sobre a especificidade e ordenação da experiência ritual, porque ela realisticamente narra momentos episódicos de suas próprias interpretações e reações como uma observadora não nativa e participante, respectivamente (Marshall, 2023, p. 173, tradução livre).

Não é por menos que recupero a ideia de Tim Ingold sobre a educação da percepção como um dos objetivos – senão o objetivo – do trabalho antropológico. O esforço de Zora Hurston é exemplar nesse sentido. Ela propõe um livro que combina relatos anedóticos com a exposição de “pontos queimantes” (*burning spots*) (Freeman Marshall, 2023: 174), conforme certa carta que ela envia para o secretário da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* para pedir mais financiamento para a pesquisa. A carta, datada de 6 de janeiro de 1937, demonstra que, no processo da futura publicação de TEWG, ela já estava ciente da qualidade do material gerado e gestado durante a pesquisa de campo no Caribe. Havia algo que lhe demandava maior tempo de pesquisa, mas que já lhe havia prendido a atenção.

Entre esses pontos queimantes, poderia estar a presença ubíqua do ditador dominicano nas conversas entre haitianos e a reação inanimada do “segundo libertador”, Stenio Vincent, ao massacre de milhares de seus concidadãos na fronteira (elementos que, como apontei, passaram despercebidos, inauditos, por comentadores da obra). Junto disso, encontravam-se a acirrada divisão de classe que marca o Haiti independente

e a prática do vodu, que, mesmo negada publicamente, atravessava a vida cotidiana do país nos anos 1930. Sem constituir uma obra final sobre o vodu, Zora Hurston sabia que poderia voltar a tratar dos temas com maior detalhe. Infelizmente não o fez.

Por sua vez, foi a experiência no Caribe que afetou sua composição narrativa, na construção do enredo de seu livro mais conhecido. O fato de ter escrito o livro enquanto estava no Haiti não parece justificar a aproximação *Tell my horse* e TEWG, como proponho na última parte deste artigo. Há muitos outros elementos: a localização de gênero/raça pelos itinerários de Zora/Janie; a descrição de comunidades afro-americanas/caribenhas; a agência do meio ambiente no contexto de mundos afetados pela plantation. Assim, ao examinar temas como a construção das moralidades, as racializações e hierarquizações que delimitam o corpo feminino, os dilemas entre poder e propriedade que contaminam corpos de coletivos políticos de negros ou, ainda, as complexas e ambíguas relações com corpos d'água como indicadores da fragilidade humana e da divindade natural, encontrei homologias e inversões que exprimem uma ressonância entre as obras.

Nesse exercício, acredito ter oferecido chaves para outras abordagens da obra de Zora Hurston, particularmente para leituras que busquem dar o devido espaço que o Caribe ocupa no desenvolvimento de seu pensamento. O lugar *in-between* que tanto a autora quanto a região parecem ter nos imaginários brancos e ocidentais oferece mapas e caminhos para outras conversas. Nelas, possibilidades outras se apresentam para seguir difundindo os “pontos queimantes” de nossas pesquisas.

## Referências

- Basques, Messias (2019). “Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston”. *Revista Antropologicas* 23, 30(2): 316-326.
- Bemerguy, Telma de Souza (2021). “Lendo Zora Hurston: a obra *Mules and Men* e sua relação com a teoria e a história da antropologia”. *Cadernos de Campo* 30 (1): 1-25.
- Bongianino, Claudia Fioretti (2018). *Deus e outros parentes invisíveis em Old Bank (Bocas del Toro, Panamá)*. Tese de Doutorado. PPGAS – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Böschemeier, Ana Gretel & Erickson, Sandra (2021). “Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos”. *Ayé: Revista de Antropologia*. Edição Especial 1(1).
- Böschemeier, Ana Gretel *et al.* (2020). A tradução de Zora Neale Hurston para o cânone antropológico: Práticas de extensão desde uma perspectiva feminista e interseccional. *Mutatis Mutandis*. *Revista Latinoamericana de Traducción*, 13 (2): 228-254.

- Castillo de Macedo, Victor Miguel (2019). "Velas e Velones: sobre estética e materialidade entre Catolicismo e Vodou na República Dominicana". *Campos - Revista de Antropologia*. 20(1): 55-79
- Clifford, James (1983). "On ethnographic Authority". *Representations* 2: 118-146.
- Clifford, James & Marcus, George (1986). *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Los Angeles: University of California Press.
- Cunha, Olivia. M. Gomes da (2022). Two Ways of Being Water: from the view point of submerged worlds. *Diffrakt: Centre for Theoretical Periphery*, 01 fev. Disponível em: <https://aperfectstorm.net/two-ways-of-being-water/> Acesso em 18 de fev. 2023.
- Dayan, Joan (1995). *Haiti, History, and the Gods*. Los Angeles: University of California Press.
- Derby, Robin (Lauren) (2009). *The Dictator's Seduction. Politics and the Popular Imagination in the Era of Trujillo*. Durham: Duke University Press.
- \_\_\_\_ (1994). "Haitians, Magic and Money: Raza and Society in the Haitian-Dominican Borderlands, 1900 to 1937" *Comparative Studies in Society and History*, 36(3):487-526.
- Dutton, Wendy (1993). "The Problem of Invisibility: Voodoo and Zora Neale Hurston". *Frontiers: A Journal of Women Studies*. 13(2): 131-152.
- Fanon, Frantz (2020 [1952]). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora.
- Firmin. Anténor (2013 [1885]). *Igualdad de las razas humanas. Antropología positiva*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales.
- Freeman Marshall, Jennifer (2023). *Ain't I an anthropologist. Zora Neale Hurston beyond the literary icon*. Urbana: University of Illinois Press.
- Gonçalves, João Felipe (2022). "O tio haitiano da antropologia contemporânea: teoria, história e poder em Jean Price-Mars." *Horizontes Antropológicos*. 62: 79-113.
- Gordon, Deborah (1990). "The Politics of Ethnographic Authority: Race and Writing in the Ethnography of Margaret Mead and Zora Neale Hurston". In: Manganaro, Marc (ed.) *Modernist Anthropology: From Fieldwork to Text*. Princeton: Princeton University Press, pp. 146-162.
- Hernández, Graciela (1995). "Multiple subjectivities and strategic positionality: Zora Neale Hurston's experimental ethnographies". In: Behar, Ruth & Gordon, Deborah (eds.) *Women Writing Culture*. San Francisco: University of California Press, pp.148-166.
- Herskovits, Melville (1937). *Life in a Haitian Valley*. New York: Alfred Knopf.
- Hurston, Zora Neale (2009[1938]). *Tell my horse. Voodoo and life in Haiti and Jamaica*. New York: Harper Collins Publishers.
- \_\_\_\_ (2006 [1937]). *Their eyes were watching God*. New York: Harper Collins Publishers.
- \_\_\_\_ (2008 [1935]). *Mules and men*. New York: Harper Collins Publishers.

- Ingold, Tim (2015). "Antropologia não é etnografia". In: *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 327-348.
- James, C.L.R (2010 [1938/1963]). *Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos* (Saint Domingue). São Paulo: Editora Boitempo.
- Mead, M. (1973 [1928]). *Coming of age in Samoa*. New York: American Museum of Natural History.
- Price-Mars, Jean (1973 [1928]). *Ainsi Parla L'Onlce*. Ottawa: Editions Leméac Inc.
- Thomaz, Omar Ribeiro (2005). "Haitian elites and their perceptions of poverty and of inequality". In: Reis, Elisa & Moore, Mick. *Elite perceptions of poverty and inequality*. London: Zed Books, pp.127-155.
- Trouillot, Michel-Rolph (1990). *Haiti: State against Nation. The Origins and Legacy of Duvalierism*. New York: Monthly Review Press.
- Turits, Richard (2002). "A world destroyed, a nation imposed: The 1937 Haitian Massacre in the Dominican Republic". *Hispanic American Historical Review* 82(3):589-635.
- Visweswaran, Kamala (2007 [1988]). "Defining Feminist Ethnography." *Inscriptions*, 3-4. Center for Cultural Studies, February 2007. Disponível em: <https://culturalstudies.ucsc.edu/inscriptions/volume-34/kamala-visweswaran/> Acesso em 30 de outubro de 2023.
- Walker, Alice (2021[1975]). À procura de Zora Neale Hurston. 2021. Fire!!! Zora Neale Hurston Textos Escolhidos e Traduzidos. Ayé: Revista de Antropologia. Edição Especial 1 (1): 109-134.
- Wilson, Peter J. (1973). *Crab Antics: The Social Anthropology of English-Speaking Negro Societies of the Caribbean*. New Haven/London: Yale University Press.

Recebido em 02 de setembro de 2023.

Aceito em 06 de junho de 2024.

## O inaudito e o 'experimental': o Caribe e seus efeitos em Zora Neale Hurston

### Resumo

A partir do recente debate sobre o trabalho antropológico de Zora Hurston, proponho retomar neste artigo suas descrições da Jamaica e do Haiti no livro *Tell my horse*. Por um lado, para entender alguns de seus apontamentos como “educação de formas de perceber o mundo”, seguindo a reflexão de Tim Ingold sobre o que é antropologia, argumento que Zora Hurston desestabiliza olhares até então estabelecidos sobre o Caribe. Por outro, analiso como sua experiência em pesquisa caribenha gerou efeitos e paralelos com elementos presentes na sua principal obra literária, escrita quando estava no Haiti. Apesar de reconhecida como parte do cânone literário negro estadunidense, seu espaço na antropologia foi objeto de questionamentos e ainda parece carregar algum tipo de suspeição. Em oposição a essas dúvidas, demonstro não só que seu trabalho é pertinente à disciplina, como também que suas pesquisas no Caribe inovam em forma e conteúdo antropológico.

**Palavras-chave:** Zora Hurston; Caribe; Experimentações etnográficas.

The unheard and the 'experimental': the Caribbean and its effects on Zora Neale Hurston

### Abstract

Departing from the recent debate on the anthropological work of Zora Hurston, this article proposes a retake of her descriptions of Jamaica and Haiti in the book *Tell my Horse*. To understand some of its points as “education of the ways of perceiving the world”, according to a Tim Ingold’s reflection about what anthropology is, I argue that Hurston destabilizes so far established views on the Caribbean. On the other hand, as I intend to show, the Caribbean research experience also seems to have effects and parallels with elements of her main literary work, written while she was in Haiti. Despite being recognized as part of the American black literary cannon, her space in anthropology has been object of discussions and still seems to carry some kind of suspicion. In opposition to these doubts, I point that not only her work is pertinent to the discipline, but also that her investigations in the Caribbean innovate in anthropological form and content.

**Keywords:** Zora Hurston; Caribbean; Ethnographic experimentations.